

John Rogers, William Prynne e a Good Old Cause: um debate em torno de um conceito político durante a Revolução Inglesa.

Jaime Fernando dos Santos Junior¹

Resumo: O objetivo desse artigo é discutir o conceito de *Good Old Cause*, um importante mobilizador da agitação e efervescência política que movimentou a Inglaterra moderna no ano de 1659. Após a queda do Protetorado e o retorno da *Commonwealth*, muitos autores republicanos se utilizaram da expressão reivindicando uma memória e um projeto de governo comum. Com o sucesso da noção, alguns autores procuraram reinterpretá-la advogando sua aplicação em torno da causa monárquica. Tal procedimento foi realizado principalmente pelo advogado puritano, William Prynne, que recebeu um enérgico combate do devoto republicano, John Rogers. Assim, esse autor procurou atacar o regalista e recuperar o sentido tradicional do conceito, em prol de uma constituição republicana e em defesa da soberania popular. Desta forma, pretende-se investigar o ambiente que motivou a utilização do termo, sua difusão no espaço público e suas tentativas de reinterpretação.

Palavras-chave: Good Old Cause; John Rogers; Revolução Inglesa.

O material impresso foi essencial para a existência da revolução política na Inglaterra moderna. Sem a literatura escrita para articular as experiências e ideias, o conflito, da forma que conhecemos, não teria o mesmo impacto. A expansão da comunicação foi o meio pelo qual as estruturas de poder e autoridade que regiam o mundo externo foram questionadas. A partir dela, a sociedade hierárquica, providencialmente ordenada e estabelecida, teve seu sustentáculo abalado. A monarquia deixou de ser a única forma de governo possível e divinamente aceita. O monopólio da Igreja estatal inglesa a respeito da interpretação bíblica e da verdade cristã foi quebrado. Os homens foram chamados a ter pensamentos novos e, cada vez mais, leigos se arriscaram a comentar assuntos políticos e religiosos. Nunca antes autores e textos tiveram tanta importância e destaque na história inglesa.

¹ Estudante de pós-graduação (doutorado) em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: jafersantos@gmail.com



Essa potência comunicativa, se certamente foi formulada por indivíduos e grupos desejosos pelo estabelecimento de um governo sólido e pela alteração de estruturas políticas e sociais, indiscutivelmente foi auxiliada pelo desenvolvimento da imprensa. As modificações sofridas na forma de publicações de textos durante a Idade Moderna permitiram a criação de um ambiente propício ao debate, mobilizando e arrastando um número cada vez maior de pessoas. Os confrontos que marcaram as décadas de 1640 e 1650 não se deram exclusivamente por via das armas, o conflito revolucionário foi igualmente uma guerra de palavras e textos. Para além da força bruta, a expansão da comunicação fez a guerra civil possível e alterou a forma como certas questões vinham sendo discutidas e percebidas pelos seiscentistas ingleses².

As frouxas tentativas de controle e censura dos impressos permitiram uma discussão intensa dos mais diferentes assuntos, defendidos por distintas perspectivas e indivíduos. Significados únicos e consensuais de termos e projetos políticos se mostravam inatingíveis. Quanto mais os autores escreviam buscando apoios e consensos em torno de suas formulações, mais acentuavam a divisão. Ao mesmo tempo em que procuravam uma audiência concordante e aberta às suas propostas, encontravam uma legião de opositores interessados em combater suas ideias e posições. A busca por unidade acabava acentuando ainda mais a delimitação de espaços, lados e projetos inimigos³.

A diversidade de interpretações, projetos e posições oferecida à apreciação e à discussão gerou a impressão de afogamento e cacofonia. Sem qualquer guia ou instituição para dizê-los em quem acreditar, Deus, a consciência, a nação, a razão, o interesse público e o bom senso eram requeridos como juízes pelos panfletistas. Nesse sentido, cabia aos autores combater as mentiras, calúnias e erros propagados em outros textos e por seus inimigos e, ao leitor, definir os melhores argumentos e propostas⁴.

² ACHINSTEIN, Sharon, "Texts in conflict: the press and the Civil War". In: N. H. Keeble (ed.). *The Cambridge Companion to Writing of the English Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 64; Nigel Smith. *Literature and Revolution in England 1640-1660*. New Haven and London: Yale University Press, 1994.

³ LANDER, Jesse M, *Inventing Polemic. Religion, Print, and Literary Culture in Early Modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 11-14.

⁴ Tal evocação, por exemplo, pode ser percebida em muitas fontes nos debates públicos durante a Revolução. Como indica Skinner, essa era uma técnica retórica que buscava deslegitimar o argumento contrário ao enfatizar que o ponto de vista que combatia não estava em harmonia com os ditames de Deus, da razão, do interesse público etc. Dessa forma, ao imputar à irracionalidade a alegação de seu oponente, enfatizava a reflexão que expunha e rebaixava seu adversário como alguém ignorante e



O retorno do rei em 1660 pôs fim a esse relativo momento de liberdade. A partir da Restauração se restabeleceu mais fortemente a censura e houve a interdição de certos assuntos e autores no espaço público. Desde então não seria mais possível debater livremente temas que passaram a serem vistos como sediciosos, perigosos e causadores de distúrbios à ordem política⁵. No entanto, antes da Restauração, temos um novo e importante momento para a história da Revolução, do republicanismo e da prensa londrina: 1659. A morte de Oliver Cromwell, a ascensão de seu filho Richard como Protetor e a convocação de um novo Parlamento em fevereiro criaram e liberaram expectativas a muito adormecidas por um estabelecimento diferente, em torno do retorno da *Commonwealth*, pelos princípios da *Good Old Cause* e pela reconvocação daqueles parlamentares expulsos em 1653⁶.

As mudanças no mundo da imprensa foram essenciais, mas a Revolução não se fez sozinha. Foram os autores que se envolveram firmemente nas disputas públicas tentando ordenar um mundo que lhes parecia fora dos eixos. Nesse artigo, pretendo discutir um importante conceito utilizado principalmente por autores republicanos, *Good Old Cause*, a fim de clamar uma memória compartilhada e um projeto político em torno da soberania popular e de uma constituição sem rei ou Casa dos Lordes. Antes, entretanto, foi necessário retomar o ambiente político que mobilizou as discussões públicas em 1659 contra o Protetorado, pelo retorno do *rump* e da *Commonwealth*. Após isso, tento reconstruir a linguagem que se emprenhou no conceito, mostrado como a expressão se infiltrou nos debates públicos e como o advogado William Prynne, defensor da monarquia, se utilizou da noção para defender a causa real e o retorno do príncipe Carlos Stuart, herdeiro natural do trono inglês. Tal tentativa de alteração retórica do conceito foi, por sua vez, sentida e atacada pelo republicano devoto, John Rogers, que em resposta a Prynne procurou retomar a linguagem e definição pelo qual a expressão era então conhecida.

indigno de ser ouvido. SKINNER, Quentin, *Razão e Retórica na filosofia de Hobbes*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 525-526; SMITH, Nigel. *Literature and Revolution in England 1640-1660*. New Haven and London: Yale University Press, 1994, p. 25-28. Ver também: SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. *John Rogers e a disputa pela commonwealth: debates e polêmicas com William Prynne, Richard Baxter e James Harrington, durante a segunda república inglesa*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2014.

⁵ BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004, p. 97; SMITH, Nigel, *Literature and Revolution in England 1640-1660*. New Haven and London: Yale University Press, 1994, p. 32.

⁶ Conhecido pejorativamente como *rump*. Diz respeito ao Parlamento da *Commonwealth* ou aos remanescentes do Longo Parlamento que governaram a Casa entre 1648-1653, antes da instituição do Protetorado e do expurgo provido por Oliver Cromwell.



1659, um mundo em dissolução e o desejo por ordem

Mais do que em outros momentos durante a Revolução, o ano de 1659 precisou que pontes fossem construídas para atender a uma diversa e indefinida audiência, desejosa e impaciente por algum plano antigo ou novo de estabelecimento para o governo. A insegurança experimentada pelos coevos foi sentida nos debates públicos e no mundo da prensa, impulsionando uma efusão panfletária. A instabilidade marcou o ano de 1659. Neste período, durante um curto espaço de tempo, a Inglaterra atravessou quatro regimes de governo. Ou seja, em apenas um ano, diferentes governos tiveram sua rápida ascensão e declínio. As constantes crises que marcaram o período que vai da morte de Oliver Cromwell à Restauração, fizeram da ação e do debate público uma questão urgente e imprescindível⁷.

Após a quantidade considerável de publicações que seguiu a morte do antigo Lorde Protetor, em setembro de 1658, o Protetorado, agora sob o comando de seu filho, passaria por um período de relativa tranquilidade pelo resto daquele ano. Richard, para desapontamento dos regalistas, sucedeu seu pai e assumiu o poder sem grandes problemas. Excetuando algumas querelas com o exército, gozava de uma aceitação considerável, experimentando uma aparente estabilidade. Em 27 de janeiro de 1659 reuniu seu primeiro e único parlamento, convocado não apenas para tentar resolver a grave crise financeira que lhe fora herdada de seu pai, mas também para reconhecer o seu título de Lorde Protetor, estabelecer o controle do exército pelo parlamento e debater a aceitação, composição e papel daquela Casa, aos moldes do que previa a *Humble Petition and Advice* de 1657. Depois de longos debates, em fevereiro, os parlamentares ratificaram Richard como Protetor e aceitaram um parlamento dividido em duas câmaras⁸.

⁷ SKERPAN, Elizabeth. *The rhetoric of Politics in the English Revolution, 1642-1660*. Columbia and London: University of Missouri Press, 1992, p. 157-168; Jonathan Scott. *Commonwealth Principles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 296; Ruth E. Mayers. *1659: the crisis of the commonwealth*. Suffolk: The Boydell Press. 2004, p. 4.

⁸ HUGHES, John H. F. "The Commonwealthmen Divided: Edmund Ludlowe, Sir Henry Vane and the Good Old Cause 1653-1659". *Seventeenth Century*, 5:1, 1990, p. 59; DAVIES, Godfrey. *The Restoration of Charles II 1658-1660*. London: Oxford University Press, 1955; SCOTT, Jonathan. *Commonwealth Principles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 297-299; WOOLRYCH, A. H. "The Good Old Cause and the Fall of the Protectorate". *Cambridge Historical Journal*, Vol 13, n. 2, 1957, p. 139; HUGHES, John H. F. "Good Old Cause". In: FRITZE, Ronald H.; ROBINSON, William B. *Historical Dictionary of Stuart England, 1603-1689*. Greenwood Publishing Group, 1998.



O ataque ao Protetorado foi encaminhado por uma união entre oficiais do exército, republicanos e sectários. Esse, como indicou Woolrych, passou por duas fases distintas. A primeira, composta pelo envio de petições e declarações ao Parlamento, não procurava atender diretamente contra Richard Cromwell e não defendia o retorno do antigo Parlamento da *Commonwealth* como única autoridade legítima. Ao contrário, pretendia atingir suas reivindicações por meios constitucionais e aceitar a possibilidade de um governo com um único magistrado chefe como comandante do executivo⁹.

No entanto, assim que perceberam que não poderiam conseguir maioria na Casa em qualquer questão votada, nem mesmo obter certa autoridade pelo caminho constitucional, “eles mudaram suas táticas”. Buscaram ampliar suas ações para além do que as movimentações unicamente parlamentares podiam oferecer¹⁰. O ambiente avesso às mudanças políticas e sociais drásticas que parecia se construir em março, as expectativas de presbiterianos e criptorregalistas para que o exército fosse diminuído, desmobilizado ou colocado sob o controle do Protetor, a crescente intolerância religiosa pregada pelos membros do Parlamento e os rumores de que Richard Cromwell poderia assumir a coroa insuflaram novo ânimo nos opositores do Protetorado¹¹. Um novo surto panfletário pode ser observado a partir de abril.

No começo daquele mês o Conselho Geral dos Oficiais do Exército passou a se reunir e a organizar a força de oposição aberta ao Parlamento e ao Protetorado. Com o caráter “conservador”, antimilitarista e antissectarista cada vez mais premente no Parlamento, o Lorde Protetor não conseguiu conciliar as duas forças conflitantes em choque. Após se esquivar de diversas tentativas feitas pelo exército, Richard Cromwell finalmente dissolveu o Parlamento em 22 de abril, deixando de ter o poder efetivo sobre o governo da Nação. Uma onda de impressos seguiu a dissolução. A revolução política reconfigurou lugares e posições e a pergunta sobre “o que colocar no lugar” do antigo governo surgia no horizonte.

⁹ WOOLRYCH, A. H. “The Good Old Cause and the Fall of the Protectorate”. *Cambridge Historical Journal*, Vol 13, n. 2, 1957, p. 143-144.

¹⁰ WOOLRYCH, A. H. “The Good Old Cause and the Fall of the Protectorate”. *Cambridge Historical Journal*, Vol 13, n. 2, 1957, p. 144. Tradução Livre [they changed their tactics].

¹¹ WOOLRYCH, A. H. “The Good Old Cause and the Fall of the Protectorate”. *Cambridge Historical Journal*, Vol 13, n. 2, 1957, p. 145; Godfrey Davies. *The Restoration of Charles II 1658-1660*. London: Oxford University Press, 1955; SCOTT, Jonathan. *Commonwealth Principles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 296-299; HUGHES, John H. F. “Good Old Cause”. In: FRITZE, Ronald H.; ROBINSON, William B. *Historical Dictionary of Stuart England, 1603-1689*. Greenwood Publishing Group, 1998, p. 211; SKERPAN, Elizabeth. *The rhetoric of Politics in the English Revolution, 1642-1660*. Columbia and London: University of Missouri Press, 1992, p. 161.



No dia 07 de maio, pressionado por oficiais e republicanos, Richard Cromwell reconvocaria os remanescentes do Longo Parlamento, que governou a Inglaterra de 1648 a 1653. O “rump”¹², como é conhecido pela historiografia e como foi pejorativamente taxado pelas fontes regalistas, reinstalou a *Commonwealth* e se deu o prazo de um ano para propor um estabelecimento final de governo. Seus membros limitaram os seus trabalhos inexoravelmente até 7 de maio de 1660, passando a discutir os rumos constitucionais e possíveis modelos políticos. Negaram-se a reconhecer a legitimidade do Protetorado, levando Richard Cromwell à renúncia no dia 25 de maio de 1659¹³.

O clamor pela *Good Old Cause*

No ambiente de intensa efervescência política que seguiu a dissolução do Parlamento de Richard Cromwell, uma expressão emergiu como aglutinadora de uma experiência e de uma expectativa: *Good Old Cause*. A frase, ao mesmo tempo em que foi o epítome das mudanças que ocorriam, aparecia como uma espécie de sismógrafo a medir os abalos ocasionados pelas convulsões políticas que agitaram os últimos meses do Protetorado. Assim, esteve intimamente ligada à excitação panfletária do primeiro semestre de 1659 e ao próprio destino da República, representando um papel fundamental “na decisão do Exército de abandonar o Protetorado e reconvocar o resto do Longo Parlamento”¹⁴.

O termo, como nos diz o verbete “Good Old Cause”, do *Historical Dictionary of Stuart England*, era utilizado em um tom nostálgico, reclamando os caminhos seguidos após 1648, interditados pelo expurgo dos membros remanescentes do Longo Parlamento em 1653 e, posteriormente, pelo estabelecimento do Protetorado. Ali, a

¹² Como indica Ruth E. Mayers, uma das campanhas difamatórias mais vitoriosas dos monarquistas foi a nomeação do Parlamento da *Commonwealth* como “*Rump*”, termo pejorativo que significaria o “rabo”, a “traseira” ou “resto” do legítimo parlamento convocado pelo rei Carlos I. Segundo a historiadora, o primeiro impresso regalista a usar o termo publicamente foi *ENGLAND’S CONFUSION OR A True and Impartial Relation of the late Traverses of States in England*, possivelmente de Arthur Annesley. MAYERS, Ruth E. *1659: the crisis of the commonwealth*. Suffolk: The Boydell Press. 2004, p. 3.

¹³ SKERPAN, Elizabeth. *The rhetoric of Politics in the English Revolution, 1642-1660*. Columbia and London: University of Missouri Press, 1992, p. 164-5; Jonathan Scott. *Commonwealth Principles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 303-304.

¹⁴ MAYERS, Ruth E. *1659: the crisis of the commonwealth*. Suffolk: The Boydell Press. 2004, p. 185. Tradução Livre [in the Army’s decision to abandon the Protectorate and recall the remnant of the Long Parliament].



Causa teria sido eclipsada¹⁵. Longe de ser um apelo emocional, pouco racional, que envolveu o cotidiano político numa fantasia, como sugeriu Woolrych¹⁶, a expressão foi um importante mobilizador da ação política, forjado na experiência compartilhada de um passado comum, quando estiveram unidos em defesa do parlamento contra o rei. Desta forma, o apoio à *Good Old Cause* representava defender, inclusive, uma interpretação radical da própria história inglesa, em favor da *Commonwealth*, da soberania popular e do interesse público, contrária ao governo monárquico ou de uma Única Pessoa¹⁷.

Assim, a formação do conceito está intimamente ligada e oposta ao estabelecimento do Protetorado. Em 1654, Oliver Cromwell passou a sofrer uma feroz oposição de vários indivíduos descontentes com sua ascensão a Lorde Protetor. De um lado, os “santos”, um grupo heterogêneo composto pelos pentamonarquistas, quacres e outros milenaristas menos quietistas, acusavam Cromwell de ter cometido uma grande apostasia em relação aos planos do Senhor. Passaram, dessa forma, a interpretar sua figura, antes tão exaltada, como um instrumento do anticristo ou como o pequeno chifre do sonho presente no livro de Daniel. Do outro lado, muitos republicanos, no exército e fora dele, atacaram o novo regime defendendo eleições parlamentares constantes, o retorno dos membros remanescentes do Longo Parlamento e representando o Protetor como um tirano que privou o povo de suas antigas liberdades e extirpou as leis da *Commonwealth*¹⁸.

Embora nem todos utilizassem a expressão, ela passou a concentrar esses objetivos e significar em grande medida a traição de Oliver Cromwell contra suas expectativas. Em oposição ao Protetorado, independente do projeto e dos interesses, santos e republicanos se apropriaram da expressão. Do primeiro lado, a primeira utilização do conceito que encontramos é do pentamonarquista Christopher Feake

¹⁵ HUGHES, John H. F. “Good Old Cause”. In: FRITZE, Ronald H; ROBINSON, William B. *Historical Dictionary of Stuart England, 1603-1689*. Greenwood Publishing Group, 1998, p. 212; MAYERS, Ruth E. *1659: the crisis of the commonwealth*. Suffolk: The Boydell Press. 2004, p. 204.

¹⁶ WOOLRYCH, A. H. “The Good Old Cause and the Fall of the Protectorate”. *Cambridge Historical Journal*, Vol 13, n. 2, 1957, p. 160.

¹⁷ MAYERS, Ruth E. *1659: the crisis of the commonwealth*. Suffolk: The Boydell Press. 2004, p. 200-209; HUGHES, John H. F. “The Commonwealthmen Divided: Edmund Ludlowe, Sir Henry Vane and the Good Old Cause 1653-1659”. *Seventeenth Century*, 5:1, 1990, p. 56; HUGHES, John H. F. “Good Old Cause”. In: FRITZE, Ronald H; ROBINSON, William B. *Historical Dictionary of Stuart England, 1603-1689*. Greenwood Publishing Group, 1998.

¹⁸ CAPP, Bernard. *The Fifth Monarchy Men: a study in Seventeenth Century English Millenarianism*. London: Faber Finds, 2008., p. 99-105; POCOCK, J. G. A. “James Harrington and the Good Old Cause: A Study of the Ideological Context o his writings”. *Journal of British Studies*, Vol. 10, n. 1, nov. 1970, p. 32; POCOCK, J. G. A. “Oceana: The Circumstances of Publication”. In: James Harrington. *The Political Works of James Harrington*, Cambridge University Press, 2010, p. 8.



que, por conta de sua prisão decorrente de sua intensa oposição, dissera estar no cárcere pela “causa de Cristo” e pela “*Good Old Cause*”¹⁹. Do lado republicano, podemos ver uma prefiguração da expressão que analisamos, segundo Pocock, na *The Humble Petition of Several Colonels of the Army*, que utilizou noções como “Good Cause” e “Old Cause”²⁰.

Em 1656, outras duas obras republicanas em oposição ao Protetorado foram lançadas, fazendo uso da expressão: *A Healing Question*, de Henry Vane e *A Copy of a Letter from an Officer of the Army in Ireland*, texto anônimo, posteriormente atribuído a Richard Goodgroom. Em um republicanismo devoto, a primeira teria o mérito de definir a Causa contra o interesse privado e em nome da liberdade civil, defendendo o direito do povo escolher seus próprios representantes, e da liberdade de consciência, buscando impedir a interferência dos magistrados em matéria de religião²¹. Já *A Copy from a Letter*, como sugeriu Pocock, seria “uma amarga, mas ainda respeitosa censura a Cromwell por desertar a causa de uma *commonwealth* livre para estabelecer uma monarquia militar”²². Em uma linguagem mais secular do republicanismo, o autor se proclamava um amigo da *Good Old Cause* e um fiel seguidor dos princípios “da justiça comum, equidade e liberdade”. Assim, exaltava as virtudes da república contra as deficiências da monarquia, atacando o Protetorado e pedindo a reunião do Parlamento da *Commonwealth*, para o estabelecimento de um Estado Livre²³.

¹⁹ RICHARDSON, Samuel. *An apology for the present government, and governour: with an answer to severall objections against them, and twenty queries propounded for those who are unsatisfied, to consider, and answer, if they please.* / By Samuel Richardson, London: Printed and are to be sold by Gyles Calvert, at at [sic] his shop the west end of Pauls. 1654, p. 5.

²⁰ POCOCK, J. G. A. “James Harrington and the Good Old Cause: A Study of the Ideological Context o his writings”. *Journal of British Studies*, Vol. 10, n. 1, nov. 1970, p. 32; POCOCK, J. G. A. “Oceana: The Circumstances of Publication”. In: James Harrington. *The Political Works of James Harrington*, Cambridge University Press, 2010, p. 8.

²¹ VANE, Henry. *A healing question propounded and resolved upon occasion of the late publique and seasonable call to humiliation in order to love and union amongst the honest party, and with a desire to apply balsome to the wound, before it become incurable*, London: Printed for T. Brewster, 1656.

²² POCOCK, J. G. A. “Oceana: The Circumstances of Publication”. In: James Harrington. *The Political Works of James Harrington*, Cambridge University Press, 2010, p. 10. Tradução Livre [It is a bitter but still respectful reproach to Cromwell for deserting the cause of a free commonwealth to set up a military monarchy].

²³ POCOCK, J. G. A. “Oceana: The Circumstances of Publication”. In: James Harrington. *The Political Works of James Harrington*, Cambridge University Press, 2010, p. 10-12; HUGHES, John H. F. “The Commonwealthmen Divided: Edmund Ludlowe, Sir Henry Vane and the Good Old Cause 1653-1659”. *Seventeenth Century*, 5:1, 1990, p. 58; GOODGROOM, Richard. *A copy of a letter from an officer of the Army in Ireland, to his Highness the Lord Protector, concerning his changing of the government.* , [London : s.n., 1656]. Tradução Livre [of common justice, equity and justice].



Com a morte de Oliver Cromwell e a ascensão de seu filho a Lorde Protetor, republicanos, oficiais e sectários clamavam pelo retorno da Boa e Velha Causa, propagando uma expectativa que evidenciava ainda mais as brechas entre aqueles e o governo que se organizava. Desde o final de 1658, petições foram entregues a Richard por representantes do exército relembrando-o do engajamento inicial de seu pai com a *Good Old Cause*, que era definida em “liberdade enquanto homens, tolerância enquanto Cristãos, mantendo o exército em boas mãos e uma magistratura e ministério devotos”²⁴. A reunião do Parlamento a partir de 27 de janeiro de 1659, as constantes esquivas de Richard e seus parlamentares ao projeto republicano e o crescente conservadorismo que se instalava nas estruturas do Protetorado fizeram a agitação e o clamor pela Causa e pela *Commonwealth* atingirem índices impressionantes naquele ano e, sobretudo, a partir de abril.

Para termos uma noção da importância dessa expressão no período que analisamos, fizemos uma pesquisa da quantidade de registros existentes na plataforma *Early English Books Online (EEBO)*, entre as obras contendo a frase. O levantamento foi realizado de 1654, ano da primeira aparição do termo, até 1660, ano da Restauração da Monarquia. O resultado pode ser observado no gráfico abaixo²⁵:

²⁴ DAVIES, Godfrey. *The Restoration of Charles II 1658-1660*. London: Oxford University Press, 1955, p.36-37 Tradução Livre [liberty as man, toleration as Christians, keeping the army in good hands, and a godly magistracy and ministry].

²⁵ A pesquisa foi realizada utilizando a ferramenta de busca “keyword(s)” da plataforma EEBO, que procura a expressão solicitada em todos os textos cujo conteúdo se encontra acessível. Há obras, na plataforma, em que não é possível a realização da procura, mas, ainda assim, conseguimos perceber a diferença na utilização da frase, em 1659, mesmo tendo sido unicamente utilizadas as obras em que a pesquisa é possível.



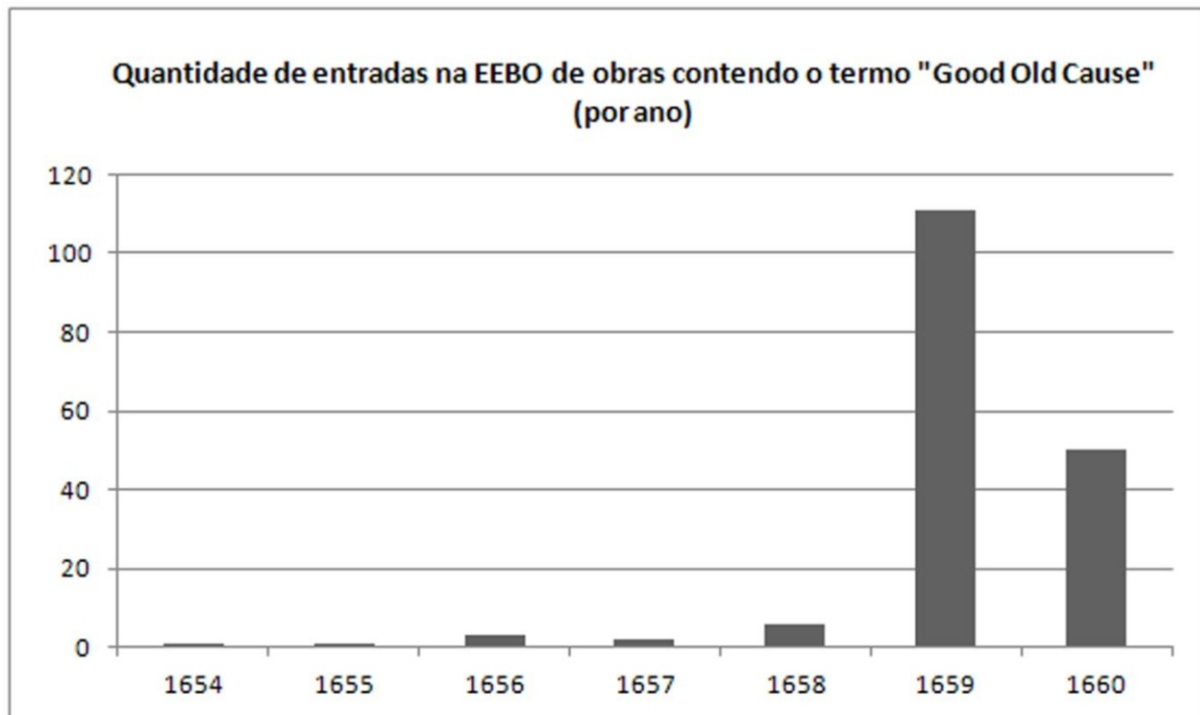


Gráfico 1 – Quantidade de entradas na EEBO de obras contendo o termo “Good Old Cause” (por ano).

Pela análise do gráfico, podemos observar que a utilização da expressão é praticamente inexpressiva até o advento de 1659. Naquele ano, a quantidade de entradas disponíveis na plataforma salta de 06, no ano anterior, para o incrível número de 111. É impossível não se surpreender com a quantidade de títulos e obras que estavam utilizando a expressão e discutindo sobre seu significado no período estudado. A frase não morreu mesmo após a Restauração, continuou figurando em muitos levantes contra a Monarquia restaurada²⁶. Todavia, a queda do Protetorado e o retorno da *Commonwealth* trouxeram a muitos uma nova esperança para recuperar aquela Causa há muito tempo perdida, fazendo com que a expressão atingisse seu auge. Seguramente, poderíamos dizer que 1659 foi o ano da *Good Old Cause*.

Se fizermos uma análise mensal mais detida dessa impressionante quantidade de obras contendo o conceito durante 1659, percebemos que a queda do Parlamento de Richard Cromwell e a restauração da *Commonwealth* contribuíram profundamente e estão imbricadas com o sucesso da expressão. Na primavera, o clamor pela *Good Old Cause* atingiu o seu auge, crescendo a partir de abril, com os desconfortos com o último Parlamento do Protetorado e Richard Cromwell. Tendo

²⁶ WOOLRYCH A. H. "The Good Old Cause and the Fall of the Protectorate". *Cambridge Historical Journal*, Vol 13, n. 2, 1957, p.159.



em maio o seu pico, justamente no período da restauração da *Commonwealth* e dos membros do Longo Parlamento excluídos em 1653²⁷.

No entanto, apesar de sua história contra Oliver Cromwell, o termo emerge mesmo com força a partir de abril de 1659. Naquele mês, a situação se tornou insustentável e, juntamente com a dissolução do último parlamento do Protetorado, uma onda de panfletos invadiu as prensas clamando pela *Good Old Cause*. Nesse período, a ideia ganharia ainda mais destaque, passando a aparecer inclusive nos títulos dos panfletos. Embora a frase não fosse nova, é significativo que a expressão começasse a surgir como sendo a própria razão de ser, o objetivo pelo qual se combate e o assunto sobre o qual se fala em diversos dos impressos publicados²⁸. Afinal, como sugerem Roger Chartier e Daniel Roche, “considerar a soma dos títulos de um período de tempo é atribuir-se um estoque considerável do vocabulário aceito e penetrar na emanção lícita das noções que recobre”²⁹.

William Prynne e John Rogers: um debate em torno da *Good Old Cause*

Com seu destaque, a expressão logo seria motivo de polêmica e incitaria discussões em torno de seu significado. Segundo Ruth E. Mayers, o sucesso da Causa contra Richard Cromwell “provocou uma forte reação entre regalistas e, especialmente, presbiterianos, que se aproveitaram do relaxamento dos controles de imprensa para denunciar e então reinterpretar a compreensão radical deste motivo”, negando a “legitimidade da *commonwealth*”³⁰. Dentre esses, um dos mais importantes textos a executarem essa reinterpretação foi *The good old cause rightly stated, and the false un-cased*, do advogado puritano William Prynne³¹.

²⁷ SANTOS JÚNIOR, Jaime Fernando dos. *John Rogers e a disputa pela commonwealth: debates e polêmicas com William Prynne, Richard Baxter e James Harrington, durante a segunda república inglesa*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2014, p. 98-100.

²⁸ WOOLRYCH, A. H. “The Good Old Cause and the Fall of the Protectorate”. *Cambridge Historical Journal*, Vol 13, n. 2, 1957; John H. F. Hughes “Good Old Cause”. In: FRITZE, Ronald H; ROBINSON, William B. *Historical Dictionary of Stuart England, 1603-1689*. Greenwood Publishing Group, 1998.

²⁹ CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. “O Livro: Uma mudança de perspectiva”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 109.

³⁰ MAYERS, Ruth E. *1659: the crisis of the commonwealth*. Suffolk: The Boydell Press. 2004, p. 187. [provoked a strong reaction among Royalists and, especially, Presbyterians, who took advantage of the relaxation of press controls to denounce and then reinterpret the radical understanding of this motif] e [Commonwealth’s legitimacy].

³¹ PRYNNE, William. *The good old cause rightly stated, and the false un-cased*, [London : s.n., 1659]



O texto foi escrito para indicar o que, para o autor, seriam os fundamentos da verdadeira Causa, em uma postura claramente combativa àqueles que clamavam, sob o mesmo nome, um projeto político distinto. Citando e recordando os dizeres e juramentos contidos em diversas ordenações, declarações, votos etc. de ambas as Casas do Parlamento e do exército, após 1642, Prynne procurou atacar as inovações que conduziram o reino à exclusão dos membros presbiterianos do Parlamento, à extinção da Casa dos Lordes e à execução do rei. Assim, escrevia o panfleto para mostrar as bases da verdadeira Causa, contra aquela “falsa” *Good Old Cause*, exaltada em 1659 pelas “recentes práticas, procedimentos, conselhos, papeis e projetos daqueles, que primeiro se levantaram, comissionados pelo Parlamento para sua justa defesa”, degenerando-se, ao fim, na mais grandiosa Apostasia³².

Para Prynne, resignificando a literatura em oposição ao Protetorado, que forjou e fortaleceu a expressão, as origens da verdadeira Causa poderiam ser encontradas na violação real contra o Parlamento e início da Guerra Civil, quando lordes e comuns exigiram o controle da milícia e o empenho dos bem-aventurados do reino. A partir daí, em uma série de declarações o exército parlamentar se colocou em defesa da paz, do rei, enquanto pessoa e autoridade, das Casas do Parlamento, da religião protestante, dos privilégios, das leis, liberdade etc. Para o autor, esta era a verdadeira Causa, pois lutou para manutenção do rei, do reino, do parlamento e dos direitos tradicionais dos súditos. Desta forma, podemos dizer que a *Good Old Cause* defendida por William Prynne, invertendo o argumento tradicional que buscava uma *commonwealth* livre e a soberania popular, era uma Causa que visava a conservação e o retorno da sociedade e estruturas conhecidas antes da Guerra Civil. O exército parlamentar, ao se levantar contra o rei, nunca pretendeu destruí-lo, alterando a ordem e a constituição do governo, mas apenas desiludi-lo das sugestões indignas de seus maus conselheiros³³.

Na visão do autor, não poderia existir outra *Good Old Cause*, esposada por qualquer seita ou partido, que não fosse uma absurda contradição, já que a Causa defendida pelos defensores da república foi gestada apenas a partir de 1649, com a

³² PRYNNE, William. *The good old cause rightly stated, and the false un-cased*, [London : s.n., 1659], p. 3. Tradução Livre [late practises, proceedings, consels, papers, designs of those, who were first raised, commissioned by the Parliament for its just defence].

³³ PRYNNE, William. *The good old cause rightly stated, and the false un-cased*, [London : s.n., 1659], p. 1-3. [which will be evidently demonstrated to them by discovering the only *true original Good Old Cause*, Grounds, Ends, drawing the House of Parliament to raise and continue the *Armies* under their own *Votes, Ordinances, Declarations* year after year].



morte do rei e a dissolução da Casa dos Lordes. Não poderia ser boa e velha, mas sim nova e má. Uma nova e perversa Causa, originalmente planejada por papistas e jesuítas, que procurou envolver e enganar os crédulos protestantes para a completa desolação da religião, do governo, do parlamento, das leis e liberdades, levando os súditos a agirem contra as antigas ordenações e seus superiores³⁴. Opondo-se a isso e os projetos daqueles que chama de Gibeonitas Romanos, pede aos leitores que “lembrem-se da genuína, verdadeira, *Good Old Cause*”, que procurava, ali, fielmente expor³⁵.

O texto de William Prynne recebeu uma resposta de John Rogers, em *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*³⁶. O autor sabia que as formulações do advogado regalista poderiam manchar a exuberância da Causa, inclusive sob a pecha do papismo, e dificultar o estabelecimento de uma república na Inglaterra. A vacância do governo, que parecia ter como alternativa os princípios exaltados pela *Good Old Cause*, era um risco para o futuro inglês. A reinterpretção de Prynne condenava a *Commonwealth* e colocava aos cuidados da Antiga Constituição, dividida em Rei, Lordes e Comuns, os fundamentos e méritos da Causa. Precisava, então, ser rapidamente combatida. Surgia, assim, um debate em torno da interpretação política mais adequada em torno da expressão, que procurava, como aponta Reinhart Koselleck, “impedir que o adversário” fizesse uso da “mesma palavra para dizer ou querer coisa diferente do que se quer”³⁷.

Mesmo sendo um texto de combate e resposta, Rogers, ao apontar os erros de Prynne, revela o que seria para si a *Good Old Cause*. O caráter defensivo do panfleto fornece-nos, ademais, uma definição clara das origens, méritos e fundamentos daquela que julga ser a verdadeira Causa, em oposição àquela revelada pelo regalista. Como indica no subtítulo da obra, o escrito de Prynne deturpava o que era bom e confundia o que era mau. Por isso, revelava apenas o fantasma da *Good Old Cause*,

³⁴ PRYNNE, William. *The good old cause rightly stated, and the false un-cased*, [London : s.n., 1659], p. 1; 7-8. [If there be any other Cause now or lately espoused by any Members of *Parliament*, *Officers*, *Soldiers*, *English*, *Scots*, *Irish*, of what ever condition, *sect* or *party*, inconsistent with, or *repugnant*, *destructive* to this *good old cause*, or any branch; it cannot without an apparent contradiction, absurdity, & falsehood, be stilled; either a *Good* or *Old*, much lesse].

³⁵ PRYNNE, William. *The good old cause rightly stated, and the false un-cased*, [London : s.n., 1659], p. 8. Tradução Livre [remember the genuine, true, *Good Old Cause*].

³⁶ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago, or, A most dangerous designe in mistating the good by mistaking the bad old cause clearly extricated and offered to the Parliament, the General Council of Officer's, the good people's and army's immediate consideration*. London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659.

³⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto – Ed. PUC-Rio, 2006, p. 302.



um cadáver sentenciado, morto e enterrado, que voltava para assombrar os coevos e que, desta forma, seria melhor nunca ter vindo a público³⁸.

O primeiro ponto que o republicano devoto procura elucidar dizia respeito às origens da Causa. Pergunta-se se essa poderia ser encontrada apenas a partir de janeiro de 1642³⁹, quando o rei adentrou no Parlamento acompanhado de um grupo armado para prender os “Cinco Membros”⁴⁰. Tal fato, segundo William Prynne, foi visto como uma violação aos privilégios parlamentares e seria o princípio original da *Good Old Cause*. No entanto, para John Rogers, sua verdadeira essência seria encontrada mesmo antes, na *Grand Remonstrance*, de 1641, assinada por ambas as Casas do Parlamento. No texto, Lordes e Comuns se posicionavam contra o poder dos bispos, da *High Commission*, dos abusos da prerrogativa régia e outras injustiças e opressões, pela preservação das liberdades e leis do reino⁴¹. Igualmente, para o republicano, os princípios da Causa poderiam ser observados mesmo na resposta do monarca à advertência parlamentar, na qual indicava ter percebido que a maior preocupação do povo repousava no interesse e na liberdade civil e religiosa⁴².

Visto isso, estaria exposta a falácia do advogado regalista, que, segundo John Rogers, teria se equivocado ao confundir a parte pelo todo. A Boa e a Velha Causas podiam ser encontradas inclusive antes da violação real ao Parlamento, mesmo que apenas como uma substância informe, somente um embrião daquilo que seria posteriormente. Ainda, para o republicano devoto, Prynne não percebera que até nas

³⁸ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, frontispício e p. 1. [Mistating the GOOD, Mistaking the BAD Old Cause], [Mr. PRINS PAMPHLET; *That is had been best of all to have never been born; or next to that; not live all, or to dye as soon as may be*] e [although the matter containe therein is but the *Ghost* or unsavory *Corps* of that *Cause*].

³⁹ No documento, Rogers escreve janeiro de 1641. Modernizei a data para o nosso calendário, como faz grande parte dos historiadores que tratam do período, já que o ano, no século XVII inglês, se iniciava em 25 de março.

⁴⁰ HILL, Christopher. *O século das Revoluções, 1603-1714*. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 122.

⁴¹ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 5 e 6. [So on that fifteenth d. in the *Remonstrance* of the State of the *Kingdom*. Against *Bishop, High-Commission-Courts*, Prerogatives, forced Loans of Money, *Injustice*: and further, p.20. *for the better prerogative of the Laws and LIBERTIES of the Kingdom*].

⁴² ROGERS, John Rogers. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 6. [Also, that the *Good Old Cause* for the *Liberties Civil* and *Religious*, was asserted before this *Breach* of the *Parliament-priviledge*, may be seen by the *King's own Reply* too].



declarações que cita, os privilégios parlamentares foram declarados tanto quanto os direitos e liberdades do povo⁴³.

Em um momento seguinte, John Rogers passa a refletir sobre o valor e o mérito da *Good Old Cause*. Para William Prynne, apoiado em uma declaração de ambas as Casas do Parlamento, publicada em 10 de junho de 1642, o exército teria sido edificado a fim de resguardar o protestantismo, o rei em sua dignidade real, enquanto pessoa e autoridade, a justiça, as leis e a paz do reino inglês, assim como os privilégios do parlamento. Essa, para o regalista, seria a verdadeira Causa, estabelecida por Lordes e Comuns, sendo aquela pela qual a milícia se levantou contra o monarca, influenciado pelos malignos conselheiros⁴⁴. Questão que o republicano passa a destrinchar em seu texto.

Rogers aponta que a luta do exército se deu pelo rei e o parlamento e, ao mesmo tempo, contra esse e seus conselheiros. Sem contradição, a razão disso, para o autor, se deve ao fato de que, na verdade, a proteção da autoridade e da dignidade real esteve, durante todo o tempo, sob os cuidados do parlamento, embora a titularidade do cargo estivesse com a pessoa do monarca. A traição deste, ao exigir a prisão dos “Cinco Membros”, foi vista, para além de uma invasão aos privilégios parlamentares, como uma subversão à própria autoridade real, mantida na união do rei e seu parlamento. Assim, foi em nome dessa majestade, portada pela coligação de ambos, que o exército se reuniu em oposição ao monarca seduzido por seus malignos conselheiros⁴⁵. Como no brado puritano estudado por Ernst Kantorowicz, procurava-se combater o rei, corpo natural, para defender o Rei, corpo político⁴⁶.

Enquanto foi possível, os objetivos originais (a defesa da religião protestante, do rei, do parlamento, das leis e liberdades do povo etc.) foram mantidos. Sua subsistência e coligação consistiam a razão de ser inicial da Causa. No entanto, como demonstra o republicano devoto, quando isto se tornou impossível, mesmo depois de

⁴³ ROGERS, John Rogers. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 6. [That breach of *Parliament* was not the first *Original* (neither) of the difference betwixt the *King* and *Parliament*, which we find were very *Wide* and *High* before that].

⁴⁴ PRYNNE, William Prynne. *The good old cause rightly stated, and the false un-cased*, London : s.n., 1659], p. 2 e 3.

⁴⁵ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 7. [For *King* and *Parliament* together; as the *Supream Counsel* of the Nation; And yet at the same time too AGAINST the *King* so [...] as he was inseparable from his *Evil* and wicked *Malignant Counsellours*. the reason is this, because the *Majestas Realis*, or *Tutularis*, the Protecting Real *Authority* and *Majesty* of the *King* was with the *Parliament* all along; though the *titularis* was with his own *person* and evil *Counsellors*].

⁴⁶ KANTOROWICZ, Ernst H. *Os Dois Corpos do Rei: Um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 31.



todas as tentativas realizadas, buscou-se a preservação daquilo que, sem contradição, poderia ser mantido: “as liberdades do povo e seus representantes”. Aí estava, para John Rogers, a *Good Old Cause*⁴⁷.

Além disso, como explica, a partir de uma resolução do Parlamento de 1642, a guerra levantada pelo rei quebrou a confiança que o povo depositava nele, enfraquecendo e levando o governo real à dissolução. A consequência deste argumento parecia óbvia para John Rogers: a Causa havia sido verdadeiramente estabelecida sobre os escombros da Antiga Constituição, composta por Rei, Lordes e Comuns⁴⁸. Desta forma, “todos os direitos e liberdades do povo e [do] parlamento” haviam sido preservados, mesmo que o governo real tenha se perdido e se dissolvido em sua própria guerra⁴⁹.

Assim, a preservação dos direitos e liberdades do povo não necessitava da Casa dos Lordes ou do ofício real. Em favor da *Commonwealth*, o republicano devoto, invertendo um dos argumentos principais de William Prynne – que associava a república a uma conspiração jesuíta –, sustentaria que a antiga forma de governo é que, na verdade, fora estabelecida pelo papismo, no reinado de Henrique I⁵⁰. Era a *Good Old Cause* exposta pelo advogado regalista que, de fato, teria sido “chocada e estabelecida pelos gibeonitas romanos”, mas não aquela da *Commonwealth*. Desta forma, como provoca, caso os coevos quisessem ser reduzidos “ao sombrio papismo e a rígida escravidão”, a Causa de Prynne seria a melhor⁵¹.

Ainda argumentando sobre os benefícios trazidos pelo fim do antigo governo, para as liberdades e direitos do povo e avanço da Causa, Rogers se apoiaria em uma resolução dos Comuns remanescentes reunidos no parlamento em março de 1649. Segundo o documento, citado pelo republicano, a dissolução da Casa dos Lordes e do

⁴⁷ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 8. Tradução Livre [the Liberties of the people and their Representatives].

⁴⁸ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 8. [The Consequent of the Argument is obvious to every eye: if the King made warre upon the *Parliament*, it tended to the Dissolution of his (Kingly) Government] e [then the *Good Old Cause*, which stands upon the dissolution of that *old Government* (viz. King, Lords, and Commons)].

⁴⁹ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 8. Tradução Livre [all the Rights and Liberties of People and Parliament].

⁵⁰ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 8. [This form of Government (by *King, Lords, and Commons*) being laid in the thick of Popery by the King *Henry I.* (for the *Popes* Interest as well as his own, Mr. *Prin* cannot deny) which merits the denomination of his *Good Old Cause*].

⁵¹ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 8. Tradução Livre [hatch'd and laid by Romish Gibeonites] e [to dark Popery and stark Slavery].



gabinete real, além de ter sido considerada um acontecimento feliz e agraciado por Deus, devolveu ao povo o “justo e antigo direito de ser governado por seus próprios representantes, assembleias nacionais em concílio de tempos em tempos”. Esta, para John Rogers, seria a verdadeira *Good Old Cause*⁵².

Por fim, tentando responder a acusação de William Prynne, de que a *Good Old Cause* exaltada em 1659 não poderia ser velha e boa, mas um monstro de geração recente, o republicano devoto iria decompor a Causa em quatro partes, demonstrando o que a constituiria e a que se diferenciaria. O primeiro ponto que procurou demonstrar é a que se opõe. Nesse quesito, Rogers, lembrando o argumento republicano contra o Protetorado, responderia que a sua Causa seria chamada *Good Old Cause*, sem qualquer absurdo, por estar em oposição à antiga apostasia do ano de 1653⁵³.

O segundo ponto diz respeito à sua composição. Segundo John Rogers, a Causa compreendia todos aqueles que lutaram pelo parlamento, exército e povo, em consonância com os motivos e os fins expostos e observáveis nas declarações e juramentos impressos. A *Good Old Cause*, assim, aglutinava todos aqueles que buscaram a preservação da religião reformada, “a liberdade e segurança do povo, os privilégios do parlamento e a autoridade do rei”, estabelecida no parlamento, assim como da “pessoa do rei NA (marque isso)⁵⁴ NA defesa da verdadeira religião e liberdades do povo”. Para o autor, mesmo que a forma política tenha sido alterada, a *Commonwealth* teria preservado todos os princípios e fins da Causa, quando não incompatíveis.⁵⁵

O terceiro ponto reflete sobre a que a *Good Old Cause* se distanciava. John Rogers é sucinto nesse aspecto em relatar que a Causa, defendida por ele, era totalmente distinta daquela exposta por William Prynne, em seu panfleto. Os princípios defendidos pelo advogado regalista procuravam defender e exaltar o antigo

⁵² ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 9. Tradução Livre [Just and Antient Right of being Governed by its own Representatives, National Meetings in Council from time to time].

⁵³ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 10. [In opposition to the late (the last) *Apostacie* since *Anno* 1653. mistaken for the Cause; it is called the *Good Old Cause* without absurdity, or contradiction].

⁵⁴ Rogers, além de destacar o “IN” no texto, escrevendo-o em letra maiúscula, reforça-o colocando entre parênteses logo em seguida “(mark that)”.

⁵⁵ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 10. Tradução Livre [*Liberty and safety of the people, the Priviledges of Parliament, and the Authority of the King*] e [Person of the King IN (mark that) IN the defence of the true Religion and Liberties of the People].



governo, de Rei, Lordes e Comuns, que, como teria demonstrando anteriormente, estaria alicerçado no papismo, fazendo com essa fosse, verdadeiramente, a má e a falsa Causa⁵⁶.

Por último, procura demonstrar quais seriam as fundações da *Good Old Cause*. Para o republicano devoto, essa estaria assentada na “LEI de Deus, da Natureza, e nos direitos fundamentais e razão desta nação; nas liberdades do povo, e privilégios do parlamento seus representantes”, princípios que foram estabelecidos muito antes do antigo governo⁵⁷. A Causa, dessa forma, se levantava não somente contra o último Rei, mas contra todos os seus predecessores e a própria monarquia⁵⁸.

Para John Rogers, a verdadeira intenção sustentada por Prynne era erguer novamente os maus espíritos, revivendo a memória do rei morto e clamando a Antiga Constituição. O republicano, ao contrário do que desejava seu opositor, defendia que somente na *Commonwealth* é que o Parlamento teria mantido seus privilégios, que foram negados no e pelo governo real. Igualmente, sustentava que apenas um Estado Livre poderia oferecer ao povo suas justas liberdades – civil e religiosa, sendo a restauração do regime monárquico e da Antiga Constituição, o retorno à escravidão. Desta forma, retoricamente, perguntava em seu texto a respeito da Causa que expunha: “Não é esta a *Good Old Cause*?”⁵⁹.

Em 1659, a expressão analisada atingiu seu auge. As discussões causadas pela queda do Protetorado foram permeadas pelas expectativas e projetos que o conceito parecia conter. A crítica de William Prynne, negando tudo pelo qual o termo tinha sido mobilizado anteriormente, e sua reinterpretação em prol da causa monárquica, gerou uma resposta furiosa do republicano devoto John Rogers. Esse, ao combater a leitura do regalista, procurou demonstrar detalhadamente as origens, méritos e composição da “verdadeira” *Good Old Cause*, deixando escapar seu projeto político daquele objeto tão disputado: a *Commonwealth*.

⁵⁶ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 11. [It is the *Good Old Cause*, and so called discriminatively from that (*Bad Old Cause*) which Mr. Prin states, and is deposed; which is proved was sounded by *Papists* (viz. *King, Lords and Commons*)].

⁵⁷ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 11. Tradução Livre [LAW of God, of Nature, and in fundamental Rights and Reason of this Nation; in the Liberties of the People, and Priviledges of Parliament their Representatives].

⁵⁸ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 11. [These were contented for not onely against the *late King*, but this *Predecessors*].

⁵⁹ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago*, [...] London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659, p. 14. Tradução Livre [is not this the *Good Old Cause*?]



Impulsionados pelo ambiente político que emergia com a queda do Protetorado diversos autores deixaram suas interpretações sobre esse conceito formador e deformador daquele contexto em que se inseriam. Tanto quanto os aspectos e projetos para o governo, os sentidos que as palavras ocupavam eram igualmente instrumento e objetivo de luta.

Referências Bibliográficas

- ACHINSTEIN, Sharon. "Texts in conflict: the press and the Civil War". In: KEEBLE, N. H. (ed.). *The Cambridge Companion to Writing of the English Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CAPP, Bernard. *The Fifth Monarchy Men: a study in Seventeenth Century English Millenarianism*. London: Faber Finds, 2008.
- CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. "O Livro: Uma mudança de perspectiva". In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- DAVIES, Godfrey. *The Restoration of Charles II 1658-1660*. London: Oxford University Press, 1955.
- HILL, Christopher. *O século das Revoluções, 1603-1714*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- HUGHES, John H. F. "The Commonwealthmen Divided: Edmund Ludlowe, Sir Herny Vane and the Good Old Cause 1653-1659". *Seventeenth Century*, 5:1, 1990.
- HUGHES, John H. F. "Good Old Cause". In: FRITZE, Ronald H.; ROBISON, William B. *Historical Dictionary of Stuart England, 1603-1689*. Greenwood Publishing Group, 1998.
- KANTOROWICZ, Ernst H. *Os Dois Corpos do Rei: Um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto – Ed. PUC-Rio, 2006.
- LANDER, Jesse M. *Inventing Polemic. Religion, Print, and Literary Culture in Early Modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- MAYERS, Ruth E. *1659: the crisis of the commonwealth*. Suffolk: The Boydell Press, 2004.
- OSTRENSKY, Eunice. *As revoluções do poder*. São Paulo: Alameda, 2005.



- POCOCK, J. G. A. “James Harrington and the Good Old Cause: A Study of the Ideological Context of his writings”. *Journal of British Studies*, Vol. 10, n. 1, nov. 1970.
- POCOCK, J. G. A. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- POCOCK, J. G. A. “Historical Introduction”. In: HARRINGTON, James. *The Political Works of James Harrington*, Cambridge University Press, 2010.
- PRYNNE, William. *The good old cause rightly stated, and the false un-cased*, [London: s.n., 1659].
- ROGERS, E. *Some account of the life and opinions of a fifth-monarchy-man*. Londres: Longmans, Green, Reader & Dyer, 1867.
- ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago, or, A most dangerous designe in mistating the good by mistaking the bad old cause clearly extricated and offered to the Parliament, the General Council of Officer's, the good people's and army's immediate consideration*. London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659.
- SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. *John Rogers e a disputa pela commonwealth: debates e polêmicas com William Prynne, Richard Baxter e James Harrington, durante a segunda república inglesa*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2014.
- SCOTT, Jonathan. *Commonwealth Principles: republican writing of the English Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- SKERPAN, Elizabeth. *The rhetoric of Politics in the English Revolution, 1642-1660*. Columbia and London: University of Missouri Press, 1992.
- SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SKINNER, Quentin. *Razão e Retórica na filosofia de Hobbes*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- SKINNER, Quentin. *Visões de Política: Questões metodológicas*. Algés: Difel, 2005.
- SMITH, Nigel. *Literature and Revolution in England 1640-1660*. New Haven and London: Yale University Press, 1994.
- STONE, Lawrence. *Causas da Revolução Inglesa 1529-1642*. Bauru: EDUSC, 2000.
- WOOLRYCH, A. H. “The Good Old Cause and the Fall of the Protectorate”. *Cambridge Historical Journal*, Vol 13, n. 2, 1957.

